

SOPRO E ETERNIDADE

A vaidade nas Escrituras — de Salomão a Cristo, uma leitura agrosófica sobre o que passa e o que permanece

Ainor Francisco Lotério

“Vaidade de vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho debaixo do sol?” (Ecl 1, 2-3)

Poucas palavras da Escritura carregam tanta densidade quanto aquela que Salomão repete como um refrão fúnebre e ao mesmo tempo libertador. O hebraico **hevel**, traduzido por vaidade, não significa em primeiro lugar orgulho, mas sopro, vapor, fumaça que se dissipa. É a respiração breve num amanhecer frio, visível por um instante e logo desfeita no ar. Dizer que tudo é vaidade não é dizer que tudo é mau ou desprezível; é dizer que tudo é passageiro, que nada do que está debaixo do sol se sustenta por si mesmo. Compreender essa palavra é aprender a distinguir o que é sopro do que é raiz.

O SOPRO DE SALOMÃO: A FUGACIDADE DO QUE ESTÁ SOB O SOL

O Eclesiastes, atribuído a Salomão na velhice, é o testemunho de quem teve tudo e mediu tudo. O sábio experimentou a riqueza, o prazer, as grandes obras, os jardins, a música, e até a busca da sabedoria terrena, e a cada empreendimento retornava com o mesmo veredito: correr atrás do vento. Não porque essas coisas não tenham valor, mas porque nenhuma delas retém o homem contra a morte e o tempo. O que se acumula, passa de mão; o que se planta, outro colherá; o que se sabe, o esquecimento cobre.

Aqui há uma sabedoria profundamente agrícola. O agricultor conhece melhor que ninguém a lição do **hevel**: a flor que abre pela manhã e murcha à tarde, a colheita farta de um ano seguida da estiagem do outro, o suor de uma safra que uma geada desfaz numa noite. A terra ensina, a cada ciclo, que nada do que produzimos é definitivo. Mas o Eclesiastes não termina no desespero. Sua conclusão é serena e firme: depois de pesar tudo, resta temer a Deus e guardar os seus mandamentos, porque só o que se enraíza no eterno escapa ao sopro. **O que passa não é para ser desprezado, mas para ser vivido sem idolatria.**

OS SALMOS: A MEDIDA DA VIDA DIANTE DA ETERNIDADE

Se o Eclesiastes filosofa sobre a vaidade, os Salmos a rezam. Neles a palavra serve para medir a fragilidade humana contra a soberania de Deus, e o tom não é de amargura, mas de humildade orante. O salmista contempla a brevidade da própria vida e, em vez de se revoltar, aprende a pedir sabedoria.

O Salmo 39 compara os dias humanos à largura de uma mão, um palmo diante da eternidade de Deus. O Salmo 144 diz que o homem é semelhante a um sopro e seus dias como a sombra que passa. O Salmo 62 pesa na balança os poderosos e os humildes e conclui que, juntos, pesam menos que o

próprio sopro. E o Salmo 119 faz o pedido que resume toda a atitude do justo: desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade, e dá-me vida no teu caminho.

Note-se o movimento: reconhecer a vaidade não conduz à paralisia, mas à oração por uma vida bem plantada. Quem sabe que é sopro deixa de se contemplar no espelho da própria importância e passa a contemplar Aquele que permanece. **A consciência da brevidade é a raiz da sabedoria.**

CRISTO E A VAIDADE: DAS APARÊNCIAS AO CORAÇÃO

Nos Evangelhos, a palavra filosófica de Salomão não reaparece com o mesmo termo, mas o conceito é combatido por Jesus em toda a sua força prática. Cristo desloca a vaidade do plano da fugacidade cósmica para o plano moral e espiritual: não apenas a vida é sopro, mas há um modo vão de vivê-la, que é viver pelas aparências, pelo aplauso e pela ostentação.

A VAIDADE DA RELIGIÃO DE VITRINE

Em Mateus 23, Jesus expõe os que fazem suas obras para serem vistos pelos homens, alargando os filactérios e as franjas das vestes. É a espiritualidade transformada em vitrine, a piedade que existe para o olhar alheio. A imagem mais dura é a dos sepulcros caiados: belos por fora, cheios de imundície por dentro. É a exata definição da vaidade das aparências, a fachada polida sobre o vazio, o *hevel* disfarçado de virtude. Do ponto de vista da terra, é o fruto bonito por fora e podre por dentro, que engana o olho mas não alimenta.

A RECOMPENSA DO QUE SE FAZ EM SEGREDO

No Sermão da Montanha, Jesus dá o antídoto. A esmola, a oração e o jejum devem ser feitos em segredo, para que o Pai que vê no oculto recompense, e não os homens. Aqui está a inversão radical: o valor não está no que é visto, mas no que é verdadeiro. Quem age para os aplausos já recebeu sua paga, e essa paga é sopro. Quem age no escuro, diante de Deus apenas, planta no solo que permanece. É a mesma lógica da raiz que se constrói no oculto, antes de qualquer fruto aparecer.

A ILUSÃO DO CELEIRO CHEIO

A parábola do rico insensato une definitivamente Salomão e Cristo. O homem que teve colheita farta decide construir celeiros maiores e dizer à sua alma: descansa, come, bebe, folga, tens bens para muitos anos. E Deus lhe responde: louco, esta noite pedirão a tua alma, e o que preparaste, para quem será? É o *hevel* do Eclesiastes encarnado numa cena: o acúmulo que a morte desmente, a segurança na abundância que uma só noite dissolve. O rico não foi condenado por ter colhido muito, mas por ter confundido o sopro com a rocha, por ter posto sua alma onde só cabia o passageiro.

LEITURA AGROSÓFICA: O QUE É SOPRO E O QUE É RAIZ

A Agrosafia lê toda a Escritura com os olhos de quem trabalha a terra, e a vaidade é, talvez, o tema em que campo e espírito mais se encontram. O agricultor vive imerso no *hevel*: a flor que dura um dia, a safra que o clima leva, a geração que passa enquanto a terra permanece. Mas justamente por conviver com o efêmero, o homem do campo aprende a plantar no que dura. Quatro discernimentos se colhem dessa meditação.

Primeiro, distinguir o sopro da raiz. Nem tudo o que reluz merece a alma. Riqueza, aplauso e prazer são bens de estação; usá-los sem lhes entregar o coração é sabedoria.

Segundo, trabalhar sem idolatrar o trabalho. O Eclesiastes não condena a lavoura, condena o apego a ela como se fosse eterna. Semeia-se com dedicação e com desprendimento ao mesmo tempo.

Terceiro, fugir da vitrine. O fruto verdadeiro alimenta; o fruto pintado apenas engana. Vale mais a raiz oculta e sadia que a folhagem exuberante e sem grão.

Quarto, plantar no eterno. Só escapa ao sopro o que se enraíza em Deus. Temer a Deus e guardar os seus mandamentos é a única colheita que a morte não desfaz.

CONCLUSÃO: VIVER O BREVE À LUZ DO PERMANENTE

A vaidade das Escrituras não é um convite ao desprezo da vida, mas à sua justa medida. Reconhecer que somos sopro não nos diminui: nos liberta do peso insuportável de fingir que somos eternos por nós mesmos. Quem aceita a própria brevidade deixa de correr atrás do vento e passa a plantar no que permanece. Salomão pesou tudo e encontrou o vazio; Cristo apontou a saída, não no acúmulo, não na vitrine, mas no coração que age diante de Deus. **A vida é breve como a bruma da manhã; por isso mesmo, cada gesto de verdade, feito no oculto e enraizado no eterno, é a única semente que a morte não colhe.**

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO

Palestrante · Agrônomo · Filósofo · Teólogo · Diácono Permanente
Criador da Agrosofia · Chácara Agrosofia, Comunidade Rural do Braço, Camboriú/SC
www.ainor.com.br · www.loterio.com.br